

Ingrid Rodrigues da Cunha Alencar

Jogo da reparentalização: abordando as necessidades básicas na terapia do esquema

Uberlândia

2020

Ingrid Rodrigues da Cunha Alencar

Jogo da reparentalização: abordando as necessidades básicas na terapia do esquema

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra Renata Ferrarez Fernandes Lopes

Uberlândia

2020

Ingrid Rodrigues da Cunha Alencar

Jogo da reparentalização: abordando as necessidades básicas na terapia do esquema

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientadora: Profa. Dra Renata Ferrarez Fernandes Lopes

Banca Examinadora

Uberlândia, 04 de Dezembro de 2020

Profa. Dra Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Ederaldo José Lopes (Examinador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Joaquim Carlos Rossini (Examinador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2020

Resumo

O presente trabalho teve como proposta a construção de um jogo terapêutico baseado no conceito de reparentalização limitada, uma forma de intervenção terapêutica típica da Terapia do Esquema (TE). Elaborou-se um instrumento lúdico de identificação de Esquemas Iniciais Desadaptados e ativação de Esquemas Iniciais Adaptados, que proporciona, especialmente, oportunidades de reparentalização que dá protagonismo aos pais na tarefa de reparentalização. Os materiais utilizados para a criação e o desenvolvimento do “Jogo da Reparentalização” foram: um computador laptop Samsung modelo RV415/RV51 processador AMD E-300, ferramenta Microsoft Word, programa Adobe Illustrator 2020. A ferramenta criada trata-se de um jogo de tabuleiro que possui um total de 45 casas (30 casas para as crianças/adolescentes e 15 para os pais/cuidadores) e 45 cartas, sendo 15 “cartas-monstro” (representativas dos Esquemas Iniciais Desadaptativos), 15 “cartas-anjo” (Esquemas Iniciais Adaptativos) e 15 “cartas pais cuidando dos filhos”, representativas de tarefas e atitudes ligadas a técnica de Reparentalização Parental realizada pelos próprios pais/cuidadores. Com a finalidade de avaliar a natureza do conteúdo do instrumento criado (cartas-anjo para EADs; cartas-monstro para EIDs e cartas de reparentalização) foi utilizado como recurso a criação de uma nuvem de palavras (nuvem de tags ou texto) para cada conjunto de cartas. A partir da análise da nuvem de palavras referente às “cartas anjos” (EADs), pode-se observar que se destacaram palavras como: “compreendido, autonomia, capaz, forte, especial” indicando que elas são representativas de EADs. Na nuvem de palavras das “cartas monstro” (EIDs), as palavras centrais foram: sozinho, criticado e abandonado. Desse modo, parece que as cartas refletem EIDs, principalmente os que se encontram no Domínio de Desconexão e Rejeição. Finalmente, encontrou-se como palavras centrais das cartas “pais cuidando dos filhos”: “afetuoso, filho e exemplo”, indicando que as cartas permitem a reparentalização limitada. Conclui-se que o instrumento lúdico elaborado constitui-se como uma ferramenta que pode vir a cumprir os objetivos propostos de identificar e avaliar esquemas iniciais e reparentalizar as necessidades emocionais não atendidas.

Palavras-chave: Jogos terapêuticos; Terapia de esquema; Esquemas iniciais desadaptados; Terapia familiar; Jogos de tabuleiro.

Abstract

The present research had as proposal the construction of a therapeutic game based on the concept of limited reparentalization, a form of therapeutic intervention typical of Scheme Therapy (TE). A playful instrument was developed to identify Maladaptative Initial Schemes and activate Adapted Initial Schemes, which provides, in particular, opportunities for reparentalization that gives parents a role in the task of reparentalization. The materials used for development of the “Reparentalization Game” were: a Samsung laptop computer model RV415 / RV51 processor AMD E-300, Microsoft Word tool, Abode Illustrator 2020 program. The tool created is a game of board that has a total of 45 houses (30 houses for children / teenagers and 15 for parents / caregivers) and 45 cards, 15 are “monster cards” (representative of the Maladaptive Initial Schemes), 15 are “angel cards” (Initial Adaptive Schemes) and 15 are “letters parents taking care of children”, representative of the Parental Reparentalization technique performed by the parents / caregiver. In order to assess the nature of the content of the created instrument (angel letters for EADs; monster letters for EIDs and reparentalization cards), it was used as a resource to create a word cloud (tag cloud or text) for each set of cards. From the analysis of the word cloud referring to "angel cards" (EADs), it can be observed that words such as: "understood, autonomy, capable, strong, special" stood out indicating that they are representative of EADs. In the word cloud of the “monster cards” (EIDs), the central words were: “alone, criticized and abandoned”. Thus, it appears that the letters reflect EIDs, especially those found in the Disconnection and Rejection Domain. Finally, the central words of the letters “parents taking care of their children” were found: “affectionate, son and example”, indicating that the cards allow limited reparentalization. It is concluded that the elaborated playful instrument is constituted as a tool that can come to fulfill the proposed objectives of identifying and evaluating initial schemes and reparentalizing the unmet emotional needs.

Keywords: Therapeutic games; Scheme therapy; Maladaptative initial schemes; Family therapy; Board games.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
1.1. Reparentalização (ou reparação) limitada.....	6
1.2. Instrumentos lúdicos de intervenção em terapia do esquema	9
2. Objetivo.....	10
3. Método.....	11
3.1. Materiais.....	11
3.2. Metodologia de análise de dados.....	12
4. Resultados e discussão.....	12
4.1. Apresentação do procedimento do jogo da reparentalização.....	13
4.2. Apresentação e análise do tabuleiro do jogo da reparentalização.....	14
4.3. Apresentação e análise das cartas do jogo.....	15
4.3.1. Análise das cartas anjo.....	16
4.3.2. Análise das cartas monstro.....	19
4.3.3. Análise das cartas pais cuidando dos filhos.....	23
4.3.4. Outras cartas e complementos do jogo da reparentalização.....	27
5. Considerações finais.....	28
6. Referências.....	30

1. Introdução

A Terapia do Esquema (TE) surgiu com o objetivo e a proposta de tratar pacientes com problemas caracterológicos crônicos, como os transtornos de personalidade que não obtinham avanços significativos por meio da terapia cognitivo-comportamental tradicional. A TE foi desenvolvida por Young na década de 1990 e possui um modelo teórico amplo e integrado que possibilita a compreensão do desenvolvimento da personalidade nos seres humanos. Ela reúne elementos da terapia cognitivo-comportamental (TCC), da abordagem teórica psicanalítica, da gestalt terapia, da teoria do apego e do modelo das relações objetais (Young, Klosko & Weishaar, 2008). Os constructos mais importantes dessa abordagem consistem nos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), Domínios Esquemáticos (DEs), os Processos Esquemáticos (PEs) e os Modos dos Esquemas (Wainer, Paim, & Erdos, 2016). Nessa pesquisa abordaremos apenas os EIDs e os Pes.

Os objetivos principais da Terapia do Esquema consistem primeiramente em compreender os esquemas desadaptados desenvolvidos ao longo da infância e adolescência dos indivíduos, realizar uma tomada de consciência dos mesmos e romper com padrões nocivos e repetitivos de perpetuação desses esquemas ao longo da vida. Na transformação esquemática, a relação terapêutica tem papel fundamental, principalmente no que diz respeito às técnicas mais importantes da TE, como a confrontação empática e reparentalização parental limitada (Young et al., 2008).

Os Esquemas Iniciais Desadaptados (EIDs), de acordo com Young et al. (2008), se desenvolvem como resultado de experiências problemáticas na infância e na adolescência, e podem ser a base dos transtornos de personalidade e de transtornos de humor e de ansiedade cronificados. Um EID é constituído por memórias, emoções, sensações corporais e é significativamente disfuncional, ou seja, causa muito sofrimento ao indivíduo e as pessoas ao redor. Esses EIDs consistem em padrões emocionais que são repetidos ao longo da vida, eles

lutam para sobreviver no indivíduo que desenvolve comportamentos desadaptados como forma de resposta a esses esquemas. Os esquemas formam a concepção de mundo do sujeito, isso quer dizer que, estão na base de sua visão de si, do outro e do mundo (Young et. al., 2008). Desse modo, percebemos que a maneira com que o indivíduo dá significado para as situações que lhe acontecem modela e é modelada pelo conteúdo de seus EIDS. Nesse sentido, é necessário a flexibilização dos mesmos para que a pessoa possa desenvolver formas adaptativas de lidar com os conflitos em suas relações interpessoais, utilizando-se para tal uma junção de técnicas da TCC clássica e técnicas vivenciais típicas da TE (Rijo & Wainer, 2019).

Os EIDs são gerados a partir da interação entre o temperamento inato dos indivíduos e experiências ao longo da infância que podem ser nocivas caso as necessidades emocionais básicas fundamentais dos indivíduos não sejam supridas (Wainer et al., 2016). Os indivíduos precisam que suas necessidades emocionais fundamentais sejam supridas pelos cuidadores para se desenvolverem de forma saudável, conforme sugere Young et al. (2008). Essas necessidades básicas estão alocadas em 5 categorias: necessidade de vínculo seguro (de segurança, aceitação, estabilidade e cuidado), necessidade de autonomia (competência e sentido de identidade), necessidade de liberdade de expressão e emoções validadas, necessidade de espontaneidade e lazer, necessidade de limites realistas e autocontrole. Se houver ao longo do desenvolvimento do indivíduo, em especial na infância e adolescência, uma frustração nociva das necessidades citadas, ou seja, uma frustração sistemática das mesmas, bem como uma traumatização (abuso físico, sexual ou psicológico) ou até mesmo uma superproteção (excessos) na relação com os cuidadores, a possibilidade do indivíduo desenvolver EIDs de diferentes domínios esquemáticos são altas (Young et. al., 2008).

Os Domínios de Esquemas são agrupamentos para os 18 esquemas existentes, cada domínio engloba uma quantidade de esquemas associados. Cada domínio esquemático está

relacionado a uma necessidade básica necessária para um desenvolvimento saudável. A relação entre necessidades emocionais básicas não atendidas e os possíveis EIDs derivados está apresentada na Tabela 1:

Tabela 1: Domínios Esquemáticos, necessidades emocionais básicas não atendidas e seus respectivos EIDs

Domínios esquemáticos e necessidade emocional básica suprimidas	Esquemas Iniciais Desadaptados
Domínio 1: Desconexão e Rejeição Necessidade Básica suprimida: pertencimento, conexão	Privação emocional, abandono, abuso/desconfiança, defeito/vergonha, isolamento social/alienação, indesejabilidade social.
Domínio 2: Autonomia e Desempenho Prejudicados Necessidade Básica suprimida: autonomia e competência.	Vulnerabilidade, dependência/incompetência, fracasso e emaranhamento.
Domínio 3: Limites Prejudicados Necessidade Básica suprimida: autocontrole e limites realistas.	Autocontrole e autodisciplina insuficientes e grandiosidade/merecimento.
Domínio 4: Orientação para o outro Necessidade Básica suprimida: respeito as próprias necessidades e desejos.	Subjugação, autossacrifício e busca de aprovação/reconhecimento.
Domínio 5: Supervigilância e Inibição Necessidade Básica suprimida: expressão emocional legítima e emoções validadas.	Padrões inflexíveis/hipercriticidade, inibição emocional, caráter punitivo e negativismo/pessimismo.

Adaptado de Wainer et. al. (2016).

Os EIDs do Domínio I (desconexão e rejeição) geralmente são formados quando não se tem uma base estável e previsível de apego, ou seja, quando as primeiras necessidades básicas de vínculo seguro não são supridas. Em geral, a origem familiar dos indivíduos que possuem esquemas nesse domínio, são pertencentes a famílias “distantes, frias, rejeitadoras, refreadoras, solitárias, impacientes, imprevisíveis e abusivas” (Young, et. al., 2008). Os esquemas do domínio I podem ser encontrados em indivíduos com dificuldades de manter relações estáveis com os outros, pois acreditam que as pessoas não são confiáveis e podem abandoná-los a qualquer instante. Esses indivíduos apresentam também sentimentos de desesperança, ansiedade e raiva. Além disso, uma característica marcante é o sentimento de rejeição e solidão. Caso fossem providas as necessidades básicas fundamentais, esses

indivíduos teriam desenvolvido esquemas adaptativos de apego seguro, buscando e mantendo relações estáveis com os outros (Wainer et. al., 2016).

No que diz respeito aos esquemas do Domínio II (autonomia e desempenho prejudicados), no geral, encontramos indivíduos cujas famílias foram superprotetoras e impediram o bom desenvolvimento do senso de autonomia e de desempenho, ou foram excessivamente negligentes estabelecendo com a pessoa uma relação de apego evitativo ou negligente, o que impossibilitou a criança buscar novidades e experimentar seu ambiente de forma segura (Wainer et. al., 2016).

Os esquemas do Domínio III (limites prejudicados) são estabelecidos quando os indivíduos não desenvolvem a internalização de limites e empatia, possuindo dificuldades no respeito do direito dos outros indivíduos, bem como na cooperação e no cumprimento de objetivos. No geral, esses indivíduos possuem características como: egoísmo/arrogo e irresponsabilidade e possuem perfis cognitivos narcisistas. A origem dos EIDs desse domínio se dá em ambientes que não se tem regras bem delimitadas e internalizadas, por famílias que se caracterizam pelo excesso de permissividade e tolerância, pela falta de orientação entre os membros e pelo incremento do senso de superioridade. Nesses casos, é comum que os indivíduos desenvolvam baixo limiar de frustração (Young et al., 2008).

No Domínio IV (direcionamento para o outro) temos esquemas que estão relacionados a uma centralização excessiva nos desejos dos outros em detrimento de suas próprias necessidades, por meio de uma busca por aceitação. No geral, em famílias de indivíduos que desenvolvem esquemas desse domínio, as necessidades e os desejos dos cuidadores são considerados mais importantes do que as necessidades emocionais dos filhos (Young et al., 2008).

No domínio V (supervigilância e inibição) os indivíduos tendem a suprimir excessivamente os próprios sentimentos, custando-lhes uma expressão legítima e espontânea

de suas escolhas, bem como uma rigidez para cumprir regras inflexíveis voltadas ao desempenho pessoal, resultando em um padrão de hipercriticidade (Young et al., 2008).

Na Tabela 2 apresentamos exclusivamente os EIDs que interessam especialmente à presente pesquisa e que compõe o questionário de esquemas para crianças de Stallard (2007). Esse questionário foi a base de EIDs para a construção do instrumento lúdico elaborado como resultado dessa pesquisa.

Tabela 2: EIDs e EADs e suas respectivas necessidades emocionais básicas, segundo Sttalard (2007)

Necessidades Emocionais Básicas	Esquemas Iniciais Adaptativos	Esquemas Iniciais Desadaptativos
Base estável de apego e segurança	Apego Seguro	Abandono
Confiança, lealdade	Confiança	Desconfiança/Abuso
Apoio emocional, compreensão e escuta	Plenitude Emocional	Privação Emocional
Aceitação amorosa e desenvolvimento de amor próprio	Autoaceitação	Defectividade/vergonha
Aceitação e inclusão familiar e social	Pertencimento social	Isolamento social/alienação
Orientação de como lidar com as responsabilidades cotidianas, desenvolvimento de capacidade de discernimento e tomada de decisão	Competência	Dependência/incompetência
Desenvolvimento de habilidades de enfrentamento e discernimento, diminuição de exposição frequente a superproteção e preocupação	Segurança	Vulnerabilidade ao dano ou à doença
Desenvolvimento de individuação integral e desenvolvimento social normal	Self desenvolvido	Emanhamento/self subdesenvolvido
Desenvolvimento de habilidades em várias áreas da vida	Sucesso	Fracasso
Limites e desenvolvimento de empatia na relação com o outro	Respeito pelos outros e empatia	Arrogo/grandiosidade
Desenvolvimento de tolerância à frustração, limites expressos a emoções e comportamentos inapropriados	Autocontrole/autodisciplina saudáveis	Autocontrole/autodisciplina insuficientes
Liberdade de expressão de sentimentos e percepção dos próprios desejos e necessidades	Assertividade	Subjugação
Desenvolvimento e avaliação das necessidades individuais, evitação de situações em que se desenvolva o sentimento de culpa	Autocuidado saudável	Auto-sacrifício
Desenvolvimento de comunicação e sentimentos espontâneos	Expressão Emocional Legítima	Inibição emocional

Necessidades Emocionais Básicas	Esquemas Iniciais Adaptativos	Esquemas Iniciais Desadaptativos
Flexibilização para adaptar metas equilibradas	Padrões Realísticos	Padrões inflexíveis/postura crítica exagerada

Como afirmado anteriormente, os EIDs são formados e desenvolvidos na infância e adolescência através das experiências nocivas dos quais os indivíduos são sujeitos. Os EIDs mais deletérios são os incondicionais, geralmente formados na convivência com a família nuclear quando essa oferece um sentimento de forte desesperança a pessoa, são eles: abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade, isolamento social, dependência/incompetência, vulnerabilidade a dano ou doença, emaranhamento/self subdesenvolvido, fracasso, negativismo/pessimismo, postura punitiva, arrogo/grandiosidade, autocontrole/autodisciplina insuficientes (Young et al., 2008).

Já os EIDs denominados condicionais são: subjugação, auto-sacrifício, busca de aprovação/reconhecimento, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada. Esses esquemas se desenvolvem como uma forma de lidar com os esquemas incondicionais. Como por exemplo, um indivíduo que possui um esquema de padrões inflexíveis e em resposta ao esquema de defectividade, apresenta a crença de que será merecedor de amor se for perfeito em tudo que fizer (Young, et al., 2008).

1.1 Reparentalização (ou reparação) Limitada

De todos os elementos que compõem a Terapia do Esquema, interessa especialmente a essa pesquisa a reparentalização limitada, que é uma das principais técnicas da Terapia do Esquema, seguida apenas pela confrontação empática. Em linhas gerais ela possibilita que o terapeuta forneça uma reparação das necessidades emocionais básicas não atendidas na infância e adolescência do paciente nos limites possíveis da relação terapêutica (Young et al., 2008). Nessa pesquisa elaborou-se um jogo para pais e filhos com a finalidade de promover a

reparentalização das necessidades emocionais básicas não atendidas pelos próprios pais (cuidadores) a partir de uma interação lúdica com seus filhos.

Um dos objetivos da reparentalização limitada é a possibilidade de alteração das estratégias de enfrentamento dos EIDS que são desadaptativas e prejudiciais (*freezing*, evitação ou fuga) a fim de que o indivíduo lide com as situações do dia a dia de forma mais adaptada, uma vez que teve uma reparação da necessidade emocional suprimida na relação com os pais e pode utilizar formas mais adequadas de enfrentamento dos conflitos (Rijo & Wainer, 2019).

Primeiramente, o terapeuta precisa verificar as necessidades de reparentalização parental do paciente por meio da análise dos relatos de dificuldades nos relacionamentos e da história de vida (infância, adolescência), e a utilização de ferramentas como questionários e imagens mentais. Para isso, faz-se necessário identificar e avaliar os EIDs, bem como os estilos de enfrentamento do paciente. Esses mesmos procedimentos são utilizados quando o paciente é uma criança ou adolescente (Rijo & Wainer, 2019).

Por meio dessa técnica o terapeuta conecta-se com o EID desadaptativo do paciente, de qualquer idade, fornecendo o suporte necessário para que ele lide com os mesmos, validando suas expressões emocionais e seus sentimentos, estimulando aceitação e o desenvolvimento da autoconfiança (Rijo & Wainer, 2019). O trabalho com a reparentalização ocorre principalmente quando os modos esquemáticos (modo criança vulnerável, criança zangada, criança impulsiva) estão ativados, e de forma geral, caracteriza-se por um diálogo que terapeuta estabelece com o paciente com o modo ativado, fornecendo-lhe a necessidade básica faltante por meio de atitudes do terapeuta ou técnicas de imagem. A partir desse processo, espera-se que ocorra um enfraquecimento dos EIDs em desenvolvimento na infância e na adolescência (Wainer et al., 2016).

Um exemplo de reparação parental limitada na clínica é quando o paciente possui um esquema central de abandono e a técnica, quando bem utilizada, fornece a ele uma base emocional segura que não possuía anteriormente. Quando atitudes do terapeuta, de acolhimento, empatia, cuidado e afeto são expressos para a criança ou adolescente, se favorece uma base segura para o paciente, levando a uma desativação do EID de abandono e uma ativação de esquemas ligados a conexão e aceitação (Young et al., 2008).

Para pacientes que possuem a maior parte dos esquemas localizados no Domínio I: desconexão e rejeição, a reparação parental limitada é essencial, pois esses indivíduos tiveram falhas em necessidades básicas fundamentais muito importantes para o desenvolvimento e constituição saudável. São indivíduos que sofreram rejeição, abandono e abuso na infância e na adolescência. (Young et al., 2008).

A reparentalização é caracterizada como limitada devido à existência de limites éticos e profissionais a serem cumpridos e mantidos na relação entre terapeuta e paciente. Há o cuidado de que o terapeuta não se coloque no papel de pai do paciente e não faça com que o mesmo desenvolva uma dependência em relação a ele, a técnica permite apenas que haja uma construção de interação terapeuta-paciente voltada para a reparação de esquemas desadaptativos iniciais (Young et al., 2008).

A Terapia do Esquema (TE) para crianças e adolescentes possui como objetivo, em nível preventivo e interventivo, levar os cuidadores a oferecerem as necessidades emocionais básicas, contribuindo para que essas sejam reelaboradas no atual momento de suas vidas, de modo que possa diminuir a ativação de EIDs nocivos ao desenvolvimento afetivo-cognitivo. Desse modo, faz-se necessário que esse trabalho de reparação limitada seja realizado de forma colaborativa com os cuidadores (Loose e Graaf 2013 como citado por Reis e Pompílio 2019, p.212).

1.2 Instrumentos lúdicos de Intervenção em Terapia do Esquema

Várias técnicas e ferramentas de intervenção fundamentadas na TE para crianças e adolescentes vem sendo elaboradas no Brasil com a finalidade de explorar as necessidades emocionais básicas não atendidas em crianças e adolescentes. Um exemplo dessas ferramentas interventivas é o Jogo “Tem, Não tem” (Reis, 2018). Esse instrumento possui como objetivo a apresentação de cartas para as crianças que representam as necessidades emocionais fundamentais. A criança deve indicar as necessidades emocionais básicas que estão presentes (Tem) e as que estão ausentes (Não tem) em sua família. O jogo então permite que o terapeuta identifique as necessidades centrais que não estão sendo supridas pelos cuidadores (Reis & Pompílio, 2019).

Uma ferramenta avaliativa de EIDs em crianças e adolescentes é o questionário de esquemas para crianças de Stallard (2007). O instrumento consta 15 frases afirmativas que correspondem a 15 Esquemas Iniciais Desadaptativos. As crianças e os adolescentes devem responder a partir de uma escala likert de 10 pontos de intensidade que variam de “não acredito absolutamente”; até “acredito muito intensamente” frases representativas de EIDs. Como exemplo, temos a frase: “Sinto-me envergonhado e esquisito”, que se refere ao esquema de defectividade/vergonha. O terapeuta também possui liberdade para criar diálogos a partir das frases para avançar na exploração dos EIDs identificados pela criança ou adolescente (Reis & Pompílio, 2019).

Outro instrumento desenvolvido com o objetivo de identificar as necessidades emocionais básicas não-atendidas é o jogo “Histórias Terapêuticas”, elaborado por Reis (2018). No jogo, têm-se a apresentação de histórias por meio de imagens referentes a interações de crianças com os cuidadores. A partir da análise das cenas que compõem a história o terapeuta questiona ao participante sobre como o personagem está se sentindo e se comportando, e como ele gostaria que fosse a reação dos cuidadores. Desse modo, a

descoberta dos EIDs e das necessidades emocionais básicas não atendidas também se dá de maneira lúdica (Reis & Pompílio, 2019).

Outra ferramenta lúdica de avaliação endereçada a crianças e adolescentes, construída com base na Terapia do Esquema, é o “jogo dos modos”. O jogo contém cartas que representam os modos de esquema (modos de enfrentamento, modos criança e pais internalizados) em que o terapeuta tem liberdade de realizar role-plays com o objetivo de psicoeducar a criança sobre a forma de ativação dos modos (Reis & Pompílio, 2019). Além disso, o recurso terapêutico também conta com uma reparentalização parental limitada que é realizada pelo terapeuta ou pela figura que o representa no jogo dos modos, quando se identifica necessidades emocionais que não foram atendidas. O terapeuta tem o objetivo de desenvolver o vínculo terapêutico e a segurança emocional do paciente neste jogo (Reis, 2018).

2. Objetivo

O presente trabalho possui como objetivo a construção e apresentação de um instrumento lúdico de intervenção (jogo), com a finalidade de identificar EIDs e Esquemas Iniciais Adaptados (EADs) dos filhos, tendo em vista que os EIDs e EADs perpassam a dinâmica familiar e geralmente remontam padrões repetitivos de interação. Propôs-se um instrumento de intervenção embasado teoricamente na Terapia do Esquema, que dá protagonismo aos pais na tarefa de reparentalização, a partir do momento que se identifica a presença de EIDs na criança. Desse modo, no instrumento proposto o terapeuta tem a função de guiar e fazer intervenções que considerar necessárias para potencializar a reparentalização, que é conduzida, de fato, pelos pais. Além disso, é uma proposta de identificação de EIDs e EADs que se baseia na exploração de polos desadaptados e adaptados de pais e filhos, que é realizado pela própria díade, facilitando assim o trabalho do terapeuta do esquema,

especialmente para realizar a orientação de pais com base na experiência dos mesmos durante o jogo.

Tendo em vista o alcance desse objetivo principal, utilizou-se o Questionário de Esquemas de Stallard (2007) como ponto de partida para a elaboração do jogo. A ferramenta foi pensada e motivada pelo interesse em se identificar esquemas cognitivos precocemente, ainda em desenvolvimento, e oferecer aos pais e aos terapeutas do esquema um instrumento que viabilizasse a identificação de EIDs, EADs dos filhos e a reparentalização mediada pelos próprios cuidadores. Nota-se uma lacuna em instrumentos que visem esse duplo objetivo: a) a identificação de esquemas iniciais (adaptados ou desadaptados) da criança e b) a reparentalização realizada pelos próprios cuidadores. Dessa forma destaca-se que esse trabalho de conclusão de curso caracteriza-se por ser um estudo útil que buscou, a partir de bases teóricas da Terapia do Esquema para o público infanto-juvenil, produzir um instrumento lúdico para utilização dos cuidadores sob orientação de terapeutas do esquema.

3. Método

3.1 Materiais

Os materiais utilizados para a criação e o desenvolvimento do “Jogo da Reparentalização” foram: um computador laptop Samsung modelo RV415/RV51 processador AMD E-300, ferramenta Microsoft Word e para a construção das ilustrações, utilizou-se o programa Adobe Illustrator 2020. Para elaboração do conteúdo das cartas, do tabuleiro, dos dados e selos que compõem o jogo, utilizou-se como base o questionário de esquemas de Stallard (2007), livros e artigos na área de Terapia do Esquema para crianças (Loose & Graaf, 2013; Reis et al., 2019; Rijo & Wainer, 2019; Young et. al., 2008; Wainer et. al., 2016). O processo de construção do jogo contou com a elaboração de um manual para o

terapeuta, a definição das regras do jogo e a instrução do jogo para os jogadores que poderão ser vistos como os resultados deste trabalho de aplicação prática de conceitos teóricos.

3.2 Metodologia de Análise de Dados

Com o objetivo de avaliar a natureza do conteúdo do instrumento criado (cartas-anjo para EADs; cartas-monstro para EIDs e cartas “pais cuidando dos filhos” para reparentalização) foi utilizado como recurso a criação de nuvens de palavras (nuvem de tags ou texto) para cada conjunto de cartas do jogo. A nuvem de palavras consiste em uma representação visual da frequência das palavras utilizadas em um determinado texto, nesse caso as cartas que compõem o jogo da reparentalização. A nuvem de palavras é usada para destacar com que frequência um termo ou categoria específica aparece em uma fonte de dados. Quanto mais vezes uma palavra-chave estiver presente em um conjunto de dados, maior e mais forte será a palavra-chave representativa daquele conjunto de dados. As nuvens de palavras elaboradas nesse estudo foram construídas a partir do website: www.wordclouds.com.

4. Resultados e Discussão

A ferramenta criada trata-se de um jogo de tabuleiro que possui um total de 45 casas (30 casas para as crianças e 15 para os pais) com 45 cartas, sendo 15 cartas-monstro (representativas dos Esquemas Iniciais Desadaptativos), 15 cartas-anjo (Esquemas Iniciais Adaptativos) e 15 cartas pais cuidando dos filhos, representativas da técnica de Reparentalização Parental realizada pelos próprios pais (cuidadores). As cartas monstros foram baseadas nas frases da Escala de Stallard (2007) e as cartas anjos foram contrapontos das cartas monstros. O instrumento foi elaborado para que o terapeuta do esquema possa realizar, a partir das respostas dos pais e das crianças, uma descoberta precoce dos Esquemas Iniciais Desadaptados em crianças e adolescentes e atuar como um facilitador para a

reparentalização mediada pelo cuidador. Para isso utilizará da ferramenta lúdica deste trabalho que permite o diálogo entre os polos cognitivo-afetivo saudáveis e polos cognitivo-afetivo desadaptados dos participantes do jogo. O instrumento tem como objetivo principal um enfraquecimento dos EIDs e fortalecimento dos Esquemas Adaptativos (EADs), bem como favorecer a vinculação de pais e filhos, colocando os cuidadores no papel de reparentalizadores e fornecedores das necessidades emocionais básicas dos filhos.

4.1 Apresentação do Procedimento do Jogo da Reparentalização

O jogo criado inicia-se quando a criança ou adolescente lançar o dado para descobrir qual carta deverá ser retirada do monte de cartas (cartas-monstro ou anjo). Esse jogador pegará uma carta e fará a leitura de seu conteúdo e precisará responder de acordo com aquilo que foi solicitado. Na Tabela 3: podemos observar as instruções estabelecidas para o Jogo da Reparentalização

Tabela 3: Instruções do “Jogo da Reparentalização”

Instruções do Jogo da Reparentalização	
Participantes:	2 participantes (Pré-Adolescentes e adolescentes/mãe ou pai).
Objetivo:	Identificar os esquemas adaptativos (EADs) e esquemas desadaptativos (EIDs) dos filhos, bem como incentivar a repaternização parental durante o jogo.
Componentes do jogo:	01 tabuleiros com duas trilhas: uma para os filhos e outra para os pais 01 conjunto de 15 cartas numeradas que investigam esquemas iniciais adaptativos (cartas anjo). 01 conjunto de 15 cartas numeradas que investigam esquemas iniciais desadaptativos (cartas monstro). 01 conjunto de 15 cartas numeradas que incentivam de reparentalização (cartas pais cuidando de seus filhos). 01 conjunto de 45 selos dourados. 01 conjunto de 30 selos diamantes. 02 peões para avançar nas casas (1 para o filho e outro para o pai ou mãe). 01 dado contendo 3 lados com a palavra anjo e 3 lados com a palavra monstro. 01 manual de explicação do jogo para o terapeuta.
Tempo do jogo:	Indefinido, podendo levar mais de uma sessão, quando jogado na presença do terapeuta.
Instruções do jogo:	1- Separe as cartas de acordo com o verso numerado e coloque em montes separados, um monte para as cartas monstros, outro monte para as cartas anjo e um último monte de cartas de reparentalização (pais cuidando dos filhos). 2- A criança/adolescente sempre lança o dado para ver qual carta deve ser retirada do monte: cartas-anjo ou cartas-monstros. 3- O jogador pega a primeira carta do monte sorteado e deverá responder sobre seu jeito de pensar, sentir e se comportar. 4- O jogador deve dar uma resposta completa para receber um selo dourado. 5- Todas as vezes que o filho pegar uma carta monstro o pai deverá pegar a respectiva carta de

reparentalização numerada (pais cuidando dos filhos) de acordo com o número da carta monstro sorteada e executar o que lhe é solicitado. Só quando o jogador executa é que ele recebe o selo dourado. Assim, a criança recebe o selo dourado quando responde ou executa o que lhe é solicitado nas cartas anjo ou monstro e o cuidador (pais) só recebe selos dourados quando reparentaliza.

- 6- O jogo termina quando todas as cartas anjo e monstro tenham retiradas do monte e tenham sido respondidas pela criança
- 7- Os selos dourados são trocados por selos diamante. Filhos trocam dois selos dourados por um selo diamante e pais trocam 1 selo dourado por 1 selo diamante. Vence quem possuir o maior número de selos diamantes.
- 8- Neste jogo só há vencedores
- 9- O terapeuta auxilia a diáde a cumprir suas metas através de sugestões (modelagem de respostas e facilitando a regulação emocional, quando alguma ativação afetiva ocorre)

4.2 Apresentação e análise do Tabuleiro do Jogo da Reparentalização

O tabuleiro possui duas rotas/circuitos diferentes, uma para os pais e outra para os filhos. Na Figura 1 podemos observar o tabuleiro do “Jogo da Reparentalização”.

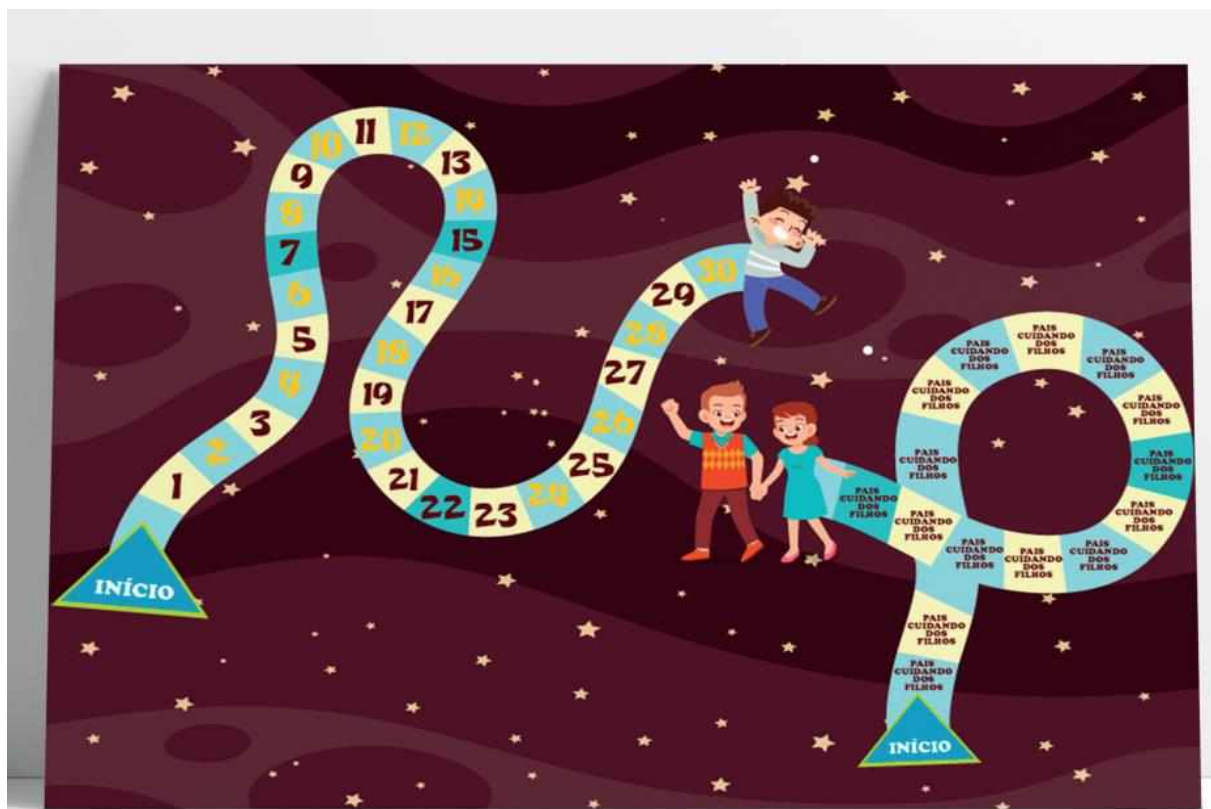


Figura 1: Tabuleiro elaborado para o jogo da reparentalização.

É importante destacar que há um início para cada circuito. No circuito da criança/adolescente há 30 casas (15 para as possíveis cartas monstros e 15 para as possíveis cartas

anjo). Já o circuito dos pais tem 15 casas, uma casa para cada carta de reparentalização (pais cuidando dos filhos).

A reparentalização de EIDs é importante, pois além de fornecer as necessidades emocionais essenciais para os indivíduos, permite que haja uma diminuição gradual da ativação desses esquemas desadaptados, portanto reduz a força que um determinado EID tem. É de extrema relevância que a descoberta dos EIDs seja realizada precocemente, ainda no curso de seu desenvolvimento, ou seja, durante a infância e adolescência, pois é nessa etapa da vida em que se têm esquemas menos rígidos e, portanto mais fáceis de serem flexibilizados, diferente daqueles EIDs já consolidados que encontramos nos adultos (Wainer et. al., 2016).

O fornecimento das necessidades emocionais básicas constitui-se como um importante recurso terapêutico e funciona como uma ferramenta para que se obtenham mudanças emocionais e cognitivas nos indivíduos, bem como altere estratégias de enfrentamento que serão ineficazes na vida adulta (Wainer et. al., 2016).

4.3 Apresentação e Análise das Cartas do Jogo

Destaca-se que todas as cartas do jogo tiveram como ponto de partida os EIDs indicados por Stallard (2007). As cartas monstros procuraram refletir o conteúdo do questionário e as cartas anjo procuraram representar o polo cognitivo afetivo oposto e, portanto, saudável.

4.3.1 Análise das Cartas Anjo

A Figura 2 mostra o layout das cartas anjo e a Tabela 4 apresenta as Cartas Anjo para ativação ou modelagem de Esquemas Iniciais Adaptados durante o jogo da reparentalização.



Figura 2: Exemplo da frente e do verso de uma carta-anjo representando um EAD.

Tabela 4: Análise das cartas anjo com EADs ativáveis durante o jogo da reparentalização

Carta	Conteúdo da carta	Esquema Inicial Adaptativo ativável	Estratégia de enfrentamento adaptativo
Carta 1	Conte uma situação em que você acredita ter se saído muito bem em algo que você fez porque mudou sua forma e pensar sobre a situação.	Padrões realistas	Desenvolver flexibilidade a fim de adaptar suas habilidades aos contextos e as próprias experiências.
Carta 2	Conte uma situação/história/momento em que você se sentiu compreendido e aceito numa reunião de família, ou num encontro com seus amigos.	Pertencimento Social	Habilidades de comunicação social, pertencimento, inclusão familiar e social.
Carta 3	Conte uma situação na qual você confiou em alguém para contar algo sobre você.	Confiança	Desenvolver confiança e acreditar na intenção das pessoas.
Carta 4	Conte um momento em que você sentiu que podia contar com uma pessoa amiga.	Apego Seguro	Desenvolver e manter relações seguras e estáveis.

Carta 5	Conte uma situação em que você percebeu que daria conta de fazer algo importante sozinho.	Competência	Desenvolvimento de capacidade de discernimento e tomada de decisão; lidar com responsabilidades cotidianas.
Carta 6	Diga uma coisa boa que aconteceu com você recentemente e que fez você se sentir mais forte e capaz.	Segurança	Habilidade de enfrentamento de situações, com segurança e resiliência.
Carta 7	Conte um momento em que você sentiu que as pessoas demonstraram que se importam com você.	Plenitude Emocional	Criação de vínculo e intimidade com pessoas, expressar espontaneidade e afeto nas relações.
Carta 8	Conte uma situação em que você falou sobre algo que gosta e se sentiu muito bem com isso.	Assertividade	Expressar seus sentimentos, desejos e necessidades livremente.
Carta 9	Conte uma situação em que você se sentiu capaz e orgulhoso de sua atitude, gostando de ser a pessoa que você é, quando estava junto com outras pessoas, nos últimos tempos.	Autoaceitação	Desenvolver amor-próprio.
Carta 10	Conte um momento em que você se sentiu especial na sua família;	Respeito e empatia	Respeito e empatia dos outros.
Carta 11	Conte uma situação em que percebeu que precisava receber carinho e afeto e foi capaz de pedir isso para alguém de sua família ou amigos	Autocuidado saudável	Expressar sentimentos, opiniões e perceber suas próprias necessidades.
Carta 12	Conte uma situação em que você expressou suas emoções (tristeza, raiva, etc) sem se preocupar com que os outros iriam pensar e ficou feliz com isso.	Expressão Emocional Legítima	Comunicar sentimentos espontaneamente.
Carta 13	Conte uma situação/momento em que você sente que seus pais lhe dão autonomia e acreditam que você possa fazer algo sozinho.	Self desenvolvido	Desenvolver-se socialmente e individuação integral.
Carta 14	Conte um momento em que você se desculpou por algo ruim que disse ou fez.	Autocontrole/disciplina saudáveis	Tolerar frustrações, possuir limites.
Carta	Conte uma situação em que	Sucesso	Desenvolver

15	você conseguiu superar um fracasso.	habilidades em várias áreas (sociais, educacionais, etc).
----	-------------------------------------	---

Os Esquemas Adaptativos são essenciais, pois fornecem a base saudável de interpretação de si, do outro e do mundo que o indivíduo possui, o que proporciona uma maior flexibilização no modo em que ele enxerga o mundo, as situações e os outros. Além disso, o desenvolvimento e a constituição dos EADs permitem ao indivíduo construir formas adaptativas de enfrentamento aos eventos cotidianos, manter e constituir vínculos sólidos, desenvolver relações saudáveis, além de possibilitar a expansão do modo Adulto Saudável, tornando-o ativável na maior parte do tempo, o que garante estabilidade nas relações e qualidade de vida para o indivíduo e para os outros que se relacionam com ele (Wainer et. al, 2016).

Na Figura 3 apresentamos a análise da natureza do conteúdo das cartas anjo por meio de uma nuvem de palavras



Figura 3: Nuvem de palavras com base nos textos das cartas- anjo

A partir da análise da nuvem de palavras referente às cartas anjos, pode-se observar que se destacam palavras como: família e amigo no centro da nuvem de palavras, bem como palavras como “compreendido, autonomia, capaz, forte, especial”. A análise da frequência das palavras indica que elas são representativas de aspectos que compõem os Esquemas Iniciais Adaptativos desenvolvidos na infância e adolescência, quando os indivíduos têm suas necessidades emocionais básicas fornecidas. As necessidades centrais referem-se a segurança, estabilidade, cuidado, aceitação, autonomia, competência, limites realistas e sentido de identidade (Young et. al. 2008; Wainer et al., 2016).

4.3.2 Análise das Cartas Monstro

A Figura 4 mostra o layout das cartas monstros e a Tabela 5 apresenta as Cartas Monstros que permitem avaliar os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) durante o jogo da reparentalização.



Figura 4: Exemplo da frente e do verso de uma carta-monstro representando um EID

Tabela 5: Cartas monstro para a avaliação de Esquemas Iniciais Desadaptados- conteúdo das cartas, EIDs avaliadas e tipo de estratégias desadaptada envolvida.

Carta	Conteúdo da carta	Esquema Inicial desadaptativo para ser avaliado	Estratégia de desadaptada
Carta 1	Conte uma situação em que você quis ser melhor que os outros porque suas regras e forma de pensar estão sempre certas.	Padrões inflexíveis. Baseada na frase da escala de Stallard (2007) É importante ser melhor que os outros em tudo que faço	Padrões rígidos de lidar com contextos e com as próprias experiências.
Carta 2	Conte uma situação que você se sentiu incompreendido e sozinho.	Isolamento Social/Alienação Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Ninguém me entende	Sentimento de não pertencimento a nenhum grupo e que é diferente dos outros.
Carta 3	Conte uma situação na qual você sentiu-se magoado por alguém.	Desconfiança/Abuso Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Os outros estão aí para me magoar	Acreditar que os outros irão lhe abusar e humilhar propositalmente e que não são confiáveis.
Carta 4	Conte uma situação em que você sentiu que não poderia contar com as pessoas e sentiu-se abandonado.	Abandono/instabilidade Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Nunca poderei contar com as pessoas que amo	Acreditar que os outros não irão lhe dar apoio emocional e vão abandoná-lo.
Carta 5	Conte uma situação em que você sentiu que dependia de uma pessoa mais capaz para dar conta de uma tarefa sua.	Dependência/Incompetência Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Eu preciso/dependo das pessoas para fazer as coisas	Sentir-se incapaz de dar conta das coisas sozinho e precisar de ajuda para tarefas cotidianas.
Carta 6	Diga uma coisa ruim que aconteceu com você recentemente.	Vulnerabilidade ao dano/doença Baseada na frase da escala de Stallard (2016) Coisas ruins me acontecem	Acreditar que uma catástrofe vai acontecer a qualquer momento.
Carta 7	Conte uma situação em que você sentiu que as pessoas não se importavam com você.	Privação Emocional Baseada na frase da escala de Stallard (2016) Ninguém me ama ou se importa comigo	Dificuldade de formar relações íntimas com as pessoas pois acredita que não terá apoio emocional.
Carta 8	Conte uma situação em que você só se importou os desejos e vontades dos outros e não se importou com seus próprios.	Subjugação Baseada na frase da escala de Stallard (2007) É mais importante colocar os desejos e as ideias dos outros antes dos meus	Submeter-se excessivamente ao controle das outras pessoas em detrimento dos seus desejos.

Carta 9	Conte uma situação que você se sentiu envergonhado, ou esquisito nos últimos tempos.	Defectividade/Vergonha Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Sinto-me envergonhado e esquisito	Sentir-se uma pessoa ruim, falha e indesejável.
Carta 10	Conte uma situação na qual você se sentiu superior a alguma pessoa e acabou menosprezando-a. O que levou você a fazer isso?	Merecimento/Grandiosidade Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Eu sou mais especial que os outros	Acreditar ser superior aos outros, envolvendo competitividade excessiva e dominação.
Carta 11	Conte uma situação em que você fez ou falou algo para alguém só para agrada-lo(a), mesmo sem vontade.	Autossacrifício Baseada na frase da escala de Stallard (2007) As pessoas ficarão com raiva ou aborrecidas se eu não atender o que elas querem que eu faça	Atender as necessidades dos outros em detrimento das suas próprias.
Carta 12	Conte uma situação em que você escondeu suas emoções, pois ficou com medo de ser criticado ou ridicularizado.	Inibição Emocional Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Eu não devo me mostrar os meus sentimentos para os outros	Inibir comunicação espontânea de sentimentos para evitar desaprovação.
Carta 13	Conte uma situação em que seus pais se envolveram em um problema seu que você poderia ter resolvido sozinho.	Emanharamento Baseada na frase da escala de Stallard (2007) É importante que meus pais se envolvam em tudo que eu faço	Desenvolver dependência em relação aos outros em tudo que faz.
Carta 14	Conte uma situação que você agiu de forma impulsiva que teve consequências complicadas.	Autocontrole/Disciplina insuficientes Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Eu não sou responsável por aquilo que faço ou digo	Não exercer autocontrole e não desenvolver a tolerância à frustração
Carta 15	Conte uma situação em que você fracassou e não soube lidar com isso.	Fracasso Baseada na frase da escala de Stallard (2007) Eu sou um fracasso	Acreditar que é inferior e que sempre irá fracassar.

Na Figura 5 apresentamos a análise da natureza do conteúdo das cartas monstro por meio de uma nuvem de palavras.



Figura 5: Nuvem de palavras com base nos textos das cartas monstro

No que diz respeito à nuvem de palavras das Cartas Monstro que retratam os Esquemas Iniciais Desadaptados (EIDs), temos que as palavras centrais da nuvem de palavras são: sozinho, criticado e abandonado. Desse modo, percebe-se que essas palavras refletem os EIDs, principalmente os que se encontram no Domínio I: Desconexão e Rejeição. Um dos objetivos do jogo é a descoberta desses EIDs por meio das cartas e de acordo com a nuvem de palavras isso parece ser algo viável.

4.3.3. Análise das Cartas Pais cuidando dos filhos

A Figura 6 mostra o layout das cartas monstros e a Tabela 6 apresenta as cartas pais cuidando dos filhos para a realização de reparentalização parental limitada pelos cuidadores.



Figura 6: Exemplo da frente e do verso de uma carta-monstro representando um EID

Tabela 5 Cartas pais cuidando dos filhos foram elaboradas para a realização da reparentalização parental limitada frente as cartas monstros (EIDS) e o objetivo da reparentalização

Carta	Conteúdo da carta	Esquema Inicial desadaptativo para ser reparentalizado	Objetivo da estratégia de reparentalização
Carta 1	Demonstre para seu filho como você o aceita como ele é. Dê dois exemplos para ele; Demonstre sinceridade!	Padrões inflexíveis.	Flexibilização de padrões, auxiliando a adquirir padrões equilibrados na vida e perdão por erros ocasionais.
Carta 2	Diga para seu filho uma situação na qual você procurou entendê-lo (filhos) e procurou que ele se integrasse com as outras pessoas da família. Seja afetuoso!	Isolamento social/Alienação	Fornecer aceitação e inclusão social e familiar.
Carta 3	Dê exemplos para seu filho de situações e pessoas nas quais se pode confiar; Mostre-se confiante em	Desconfiança/abuso	Fornecer confiança e segurança a criança e ausência de situações de abuso.

	seus exemplos.		
Carta 4	Dê exemplos para seu filho dos motivos pelos quais ele sempre pode contar com você. Mostre firmeza!	Abandono	Fornecer uma base estável e previsível de apego.
Carta 5	Elogie alguma competência/habilidade de seu filho e dê um exemplo de algo que ele faz de maneira independente. Seja verdadeiro!	Dependência/incompetência	Orientar e dar suporte de como manejar o cotidiano, valoriza situações de independência.
Carta 6	Diga algo que console seu filho. Seja acolhedor e afetuoso!	Vulnerabilidade ao dano/doença	Auxiliar no desenvolvimento de resiliência, segurança e força pessoal.
Carta 7	Dê um exemplo de como você se importa com seu filho. Capriche!	Privação Emocional	Fornecer afeto, empatia e proteção.
Carta 8	Dê exemplos para seu filho nos quais você ficou feliz porque ele (a) se deu valor.	Subjugação	Oferecer oportunidade para expressão de necessidades, sentimentos e opiniões.
Carta 9	Dê exemplo de coisas que você se orgulha em seu filho.	Defectividade/Vergonha	Fornecer aceitação amorosa e ajuda no desenvolvimento da autoaceitação genuína.
Carta 10	Dê um exemplo de quando seu filho (a) respeitou alguém e você ficou orgulhoso disso.	Merecimento/grandiosidade	Fornecer orientação e auxílio para o desenvolvimento da empatia e respeito pelas necessidades dos outros.
Carta 11	Dê exemplos para seu filho de como é importante expressar e procurar realizar nossos próprios desejos.	Autossacrifício	Oferecer equilíbrio na avaliação das necessidades de cada pessoa.
Carta 12	Dê exemplos da importância de demonstrar os sentimentos. Demonstre alegria ou amor por ele agora.	Inibição Emocional	Favorecer a expressão emocional legítima de sentimentos.
Carta 13	Diga para o seu filho algo que você não se envolveu e deixou ele resolver sozinho(a) indicando que você sentiu orgulho;	Emanhamento	Oferecer desenvolvimento de limites bem definidos entre si e os outros.
Carta 14	Desculpe-se com seu filho de alguma situação na qual você não foi completamente justo com ele.	Autocontrole/Disciplina Insuficientes	Fornecer orientação e firmeza empática.

filhos pode ser um instrumento importante para fornecer algumas das necessidades emocionais fundamentais dos indivíduos.

A reparentalização de Esquemas Iniciais Desadaptados é o principal interesse da TE, e tem como objetivo a redução da força destes, a diminuição de suas ativações e conseqüentemente a mudança cognitiva-afetiva-comportamental, pois é uma técnica que fornece as necessidades básicas essenciais para o desenvolvimento de um indivíduo saudável.

Quando a reparentalização é precoce, ou seja, durante a infância e adolescência, constitui-se um recurso fundamental e de extrema importância para a constituição saudável do indivíduo que se encontra na fase de desenvolvimento mais importante para a constituição do psiquismo e que moldará a forma como enxergará a realidade ao seu redor e como se comportará diante das situações desafiadoras e conflituosas da vida (Young et. al., 2008).

4.3.4 Outras cartas e complementos do jogo da reparentalização

As Figuras 8, 9 e 10 ilustram a disposição dos montes de cartas, o dado utilizado no jogo e os selos dourado e diamante.



Figura 8: Exemplo de como as cartas monstro e anjo ficam dispostas para o manuseio da criança/adolescente.



Figura 9: Exemplo de dado utilizado pela criança/adolescente no jogo da reparentalização.



Figura 10: Exemplo de selos utilizados, como forma de reforço associados a resposta da criança/adolescente e dos pais.

Destaca-se que o dado serve para dar andamento ao jogo e os selos servem de reforçadores artificiais, uma vez que a reparentalização em si mesma têm poderoso valor de reforço social.

5. Considerações Finais

Faz-se necessário o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e intervenção na área de Terapia de Esquema para crianças e adolescentes, visto que existem poucas ferramentas voltadas para tal finalidade. Parece de fundamental importância que os terapeutas do esquema possam ter uma ampla quantidade de ferramentas para identificar EIDs para que se possa trabalhar nessa etapa de desenvolvimento, que é a mais importante no curso da formação dos esquemas.

Os esquemas são formados e desenvolvidos na infância e adolescência, desse modo, quando o terapeuta utiliza ferramentas para identificar os Esquemas Iniciais Desadaptativos precocemente, têm-se a vantagem de procurar diminuir a ativação de esquemas desadaptados e ampliar a ativação dos Esquemas Iniciais Adaptados. Por meio disso, possibilita-se que a criança/adolescente possa desenvolver seu modo saudável precocemente, garantindo formas

de enfrentamento e regulação emocional mais adequadas. Além disso, possibilita uma maior qualidade de vida para o paciente.

Por meio do instrumento criado, além de ser possível a identificação precoce dos EIDs e o incremento dos EADs de uma forma lúdica, torna-se possível colocar os cuidadores como pessoas ativas no processo terapêutico, fornecendo as necessidades emocionais básicas necessárias para o desenvolvimento saudável da criança/adolescente. Além disso, indiretamente o vínculo entre pais e filhos é fortalecido, valorizando um modo saudável de se relacionarem. Logo, pode-se concluir que o trabalho tem embasamento teórico e constitui-se uma provável ferramenta eficaz para facilitar e complementar o trabalho de terapeutas do esquema que trabalham com esse público-alvo.

Uma limitação desse trabalho foi a impossibilidade de testá-lo na clínica infanto-juvenil, o que poderia levar à adaptações nos conteúdos das cartas verificando-se, por exemplo, a compreensão da tarefa que é solicitada para cada um dos membros da díade pais-filhos durante o jogo. Além disso, seria possível verificar a aderência da dupla à atividade lúdica proposta. Sugere-se que em trabalhos futuros esse teste empírico do instrumento possa ser realizado.

Referências

- Rijo, D., & Wainer, R. (2019) *Terapia do esquema em diferentes contextos e demandas clínicas* (v. 3 9-58) Porto Alegre: Artmed.
- Reis, A. (2018) *O jogo dos modos: terapia do esquema com crianças e adolescentes*. Campo Grande: Episteme.
- Reis, A. (2018) *Histórias Terapêuticas: identificando necessidades centrais e esquemas iniciais desadaptativos na infância*. Campo Grande: Episteme.
- Reis, A. (2018) *Tem, não tem: identificados as necessidades centrais*. Campo Grande: Episteme.
- Reis, A. (2019) Avaliação e técnicas de intervenção em terapia de esquema com crianças e adolescentes. In A. Reis & R. Pompílio (Eds.), *Terapia do esquema com crianças e adolescentes* (pp. 212-240). Porto Alegre: Episteme.
- Stallard, P. (2007) *Early maladaptive schemas in children: Stability and differences between a community and clinic referred sample* (pp. 10-18). Interscience.
- Wainer, R., Paim, K. & Erdos, R. (2016) *Terapia cognitiva focada em esquemas*. Porto Alegre: Artmed.
- Young, E. J., Klosko, S. J. & Weishaar, E. M. (2008) *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras* (R, Cataldo, Trad.) Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2003)